

Telmo Mória (Lisboa)

Predicados temporais e gramaticalização em português

Abstract: In this paper, grammatical properties of the temporal predicates *haver* and *fazer* in two different constructions (with and without *que*) are discussed, and it is shown that these predicates are undergoing a grammaticalization process towards prepositional connectors. This grammaticalization process has been proceeding with variable intensity, *haver* being clearly at a more advanced stage than *fazer*.

Resumo: Este texto discute propriedades gramaticais dos predicados temporais *haver* e *fazer* em duas construções distintas (com e sem *que*), mostrando que eles apresentam características reveladoras de um processo de gramaticalização que os está a converter em conectores de tipo preposicional. O processo em causa afecta de modo diferente os dois predicados, estando *haver* num estágio claramente mais avançado de gramaticalização do que *fazer*.

Abstract: Im vorliegenden Beitrag sollen grammatische Eigenschaften der Temporalangaben mit *haver* und *fazer* in zwei unterschiedlichen Konstruktionen (mit und ohne *que*) diskutiert werden, um zu zeigen, dass diese Eigenschaften aufweisen, die einen Grammatikalisierungsprozess hin zu präpositionalen Konnektoren sichtbar werden lassen. Dieser Grammatikalisierungsprozess erfasst die beiden Temporalangaben mit unterschiedlicher Intensität, wobei sich *haver* eindeutig in einem fortgeschrittenerem Stadium befindet als *fazer*.

1. Introdução

O português dispõe de um conjunto de predicados temporais que expressam distâncias entre situações e pontos do eixo do tempo (que designarei, doravante, pontos de ancoragem temporal), veiculando um valor de duração ou de localização. Alguns deles estão ilustrados nos exemplos a seguir (marcados com itálico):

- (1) a. *Há* dois anos que o Paulo dá aulas.
b. O Paulo dá aulas *há* dois anos.
- (2) a. *Faz* agora dois anos que o Paulo casou.
b. O Paulo casou *faz* agora dois anos.
- (3) a. {*Passaram/ Decorreram*} seis anos {sobre/ desde} o fim da guerra.
b. *Completaram-se* ontem seis anos sobre o fim da guerra.

Neste trabalho, vou concentrar-me em dois destes predicados – *haver* e *fazer* –, que apresentam sinais de gramaticalização como conectores de tipo preposicional, ainda que em diferentes estágios (cf. Mória 2011b, sobre a gramaticalização de *haver*).

2. Os predicados temporais *haver* e *fazer*

2.1. Semelhanças sintáctico-semânticas entre *haver* e *fazer*

Começarei por sublinhar, nesta secção, algumas semelhanças e diferenças sintácticas ou sintáctico-semânticas entre os predicados temporais *haver* e *fazer*. Em primeiro lugar, registe-se que ambos ocorrem em dois tipos de construção substancialmente distintos (ainda que possivelmente relacionados):

(i) a **construção com *que*** (uma partícula de categorização discutível, mas possivelmente afim de uma conjunção integrante, uma vez que expletiva); está ilustrada nos exemplos (1a) e (2a) acima, repetidos abaixo; neste caso, as expressões com *haver* e *fazer* ocorrem sempre em posição inicial de frase.

(4) *Há* dois anos que o Paulo dá aulas.

(5) *Faz* agora dois anos que o Paulo casou.

(ii) a **construção sem *que***, ilustrada em nos exemplos (1b) e (2b) acima, repetidos a seguir:

(6) O Paulo dá aulas *há* dois anos.

(7) O Paulo casou *faz* agora dois anos.

Como veremos melhor adiante, mas fica já ilustrado em (8), as expressões temporais com *haver* e *fazer* têm uma maior amplitude distribucional nesta construção, podendo ocorrer – com algumas restrições¹ – em diferentes posições na frase: inicial, final e intermédia.

- (8) a. O país saldou a sua dívida {*há* / *faz* agora} dois anos.
 b. {*Há* / *Faz* agora} dois anos, o país saldou a sua dívida.
 c. O país saldou {*há* / *faz* agora} dois anos a sua dívida.

1 Por exemplo, com um valor de duração, o adjunto não pode ocorrer em posição inicial, ao contrário do que acontece quando está presente um valor de localização. Isto parece indicar que o adjunto de duração ocupa uma posição sintáctica mais encaixada. Veja-se:
 (i) O país está em guerra *há* dois anos. / **Há* dois anos, o país está em guerra. [DURAÇÃO]
 (ii) O país saldou a sua dívida *há* dois anos. / *Há* dois anos, o país saldou a sua dívida. [LOCALIZAÇÃO]

Existem algumas outras diferenças gramaticais notáveis entre estes dois tipos básicos de construção – com e sem *que* –, mas elas não serão objecto de análise pormenorizada neste trabalho (cf. Fernández 1999, para uma discussão das diferenças em construções comparáveis do espanhol, com *hacer*).

Em segundo lugar, registre-se que, semanticamente, tanto *haver* como *fazer* permitem veicular dois valores temporais distintos, de duração e de localização (cf. Mória 1999, 2006, 2011a), condicionados principalmente pela *Aktionsart* das situações envolvidas e pelo tempo verbal:

(i) um **valor de localização**, que posiciona a situação descrita (tipicamente télica e com tempos verbais de anterioridade – e.g. pretérito perfeito ou mais-que-perfeito) à distância referida do ponto de ancoragem

- (9) a. {*Há / Faz agora*} dois anos que o Paulo casou.
 b. O Paulo casou {*há / faz agora*} dois anos.

(ii) um **valor de duração**, que indica a quantidade de tempo que a situação descrita (sempre atélica e com tempos verbais de sobreposição – e.g. presente ou pretérito imperfeito) atinge no ponto de ancoragem (ou, equivalentemente, a distância entre o início da situação e esse ponto)

- (10) a. {*Há / Faz agora*} dois anos que o Paulo dá aulas.
 b. O Paulo dá aulas {*há / faz agora*} dois anos.

Faço agora uma breve digressão para observar que nas construções com *que* parece haver uma forte **tendência para a especialização semântica dos dois predicados**, com *fazer* (X-TEMPO *que*) a revelar uma clara preferência pela marcação do valor de localização e *haver* (X-TEMPO *que*) uma preferência pela marcação do valor de duração. Assim, é porventura mais natural dizer *há dois anos que o Paulo dá aulas e faz agora dois anos que o Paulo casou* do que, respectivamente, *faz agora dois anos que o Paulo dá aulas e há dois anos que o Paulo casou*. Os dados de frequência em *corpora* jornalísticos corroboram esta intuição, com números superiores a 90% para as correspondências referidas², exemplificadas a seguir:

2 Exemplos de pesquisas/frequência no *corpus* CETEMPúblico – A. *fazer* X-TEMPO *que*: (i) das 65 ocorrências produzidas pela pesquisa “Faz” [] {1,2} “anos” “que”, 62 envolvem o valor de localização, com expressões télicas e verbo no pretérito perfeito (61) ou imperfeito (1), e apenas 3 envolvem o valor de duração, com expressões atélicas e verbo no presente; (ii) das 2 ocorrências produzidas pela pesquisa “Fazia” [] {1,2} “anos” “que”, todas envolvem o valor de localização, com expressões télicas e verbo no pretérito mais-que-perfeito; (iii) das 11 ocorrências produzidas pela pesquisa “Fez” [] {1,2} “anos” “que”, todas envolvem o valor de localização, com expressões télicas

– localização com *fazer* X-TEMPO *que*

- (11) «**Faz hoje 30 anos que** Mário Soares foi preso pela PIDE na sequência do caso Humberto Delgado (...).» (CETEMPúblico, ext224050-pol-95b-2); «**Faz hoje 25 anos que** António Sérgio morreu em Lisboa, com 85 anos.» (CETEMPúblico, ext388708-clt-94a-2)
- (12) «**Fazia cinco anos que** o Exército da República Popular da China esmagara, a golpes de sangue, a revolta dos estudantes em Tiananmen.» (CETEMPúblico, ext843567-pol-94a-3)

– duração com *haver* X-TEMPO *que*

- (13) «**Há doze anos que** sou favorável à realização de um referendo sobre a Europa.» (CETEMPúblico, ext214799-pol-92a-1); «**Há 30 anos que** certos países organizam jogos no Verão, fora dos campeonatos.» (CETEMPúblico, ext225686-des-95a-2)
- (14) «**Havia 40 anos que** a Rússia se esforçava por dominar a região.» (CETEMPúblico, ext1420211-pol-94b-1); «**Há quatro anos que** era casado com a sua ex-secretária, Carole Amiel, de quem teve um filho, Valentin.» (CETEMPúblico, ext285238-nd-91b-1)[note-se, neste último excerto, a existência de um ponto de perspectiva passado, com neutralização *havia* → *há*; cf. secção 2.2, abaixo]

Porém, esses *corpora* incluem um número não despidendo (ainda que bastante baixo, em termos de percentagem) de estruturas com marcação de valores distintos dos mais frequentes, nomeadamente:

– duração com *fazer* X-TEMPO *que*

- (15) «**Faz agora oito anos que** me está confiada a insigne responsabilidade de organizar a nutrição no Grande Prémio de Ténis de Toulouse (...).» (CETEMPúblico, ext256975-soc-92b-2); «**Faz três anos que** é transmitido nos serões do Canal 1, com a apresentação do actor Virgílio Castelo.» (CETEMPúblico, ext1478791-nd-95b-3); «**Faz quatro anos que** ali se conserva inalterável, (...) o panorama em que João Chagas assentou a sua ministerial magnificência (...).» (CETEMPúblico, ext766061-pol-94b-1)

– localização com *haver* X-TEMPO *que*

- (16) «**Há três anos que** trouxemos algumas [*sic*] exemplares de “capra hispanica” da serra de Gredos (...).» (CETEMPúblico, ext252778-soc-95b-2); «**Há seis anos que** perdeu

e verbo no pretérito perfeito; B. *haver* X-TEMPO *que*: das 100 primeiras ocorrências das 866 produzidas pela pesquisa “**Há**” [] {1,1} “**anos**” “**que**”, 93 envolvem o valor de duração, com expressões atéticas e verbo no presente (79) ou no pretérito imperfeito (14) e apenas 7 envolvem o valor de localização, com expressões téticas e verbo no pretérito perfeito (6) ou mais-que-perfeito (1).

o médico de família que a atendia na Cruz de Pau.» (CETEMPúblico, ext289610-nd-98a-2); «**Há quatro anos que surgiram** em Portalegre os primeiros indícios de que algo de errado se estava a passar num internato de menores.» (CETEMPúblico, ext292192-soc-97b-4)

- (17) «**Havia apenas 65 dias que saíra** da prisão onde cumprira uma pena por roubo.» (CETEMPúblico, ext636871-soc-93a-2); «**Há quatro anos que tinha trocado** o campo pela secretária, com uma ou outra incursão no banco (...) para substituir um colega que foi despedido.» (CETEMPúblico, ext322340-des-95a-1) [note-se, neste último excerto, a existência de um ponto de perspectiva passado, com neutralização *havia* → *há*; cf. secção 2.2, abaixo]

2.2. Diferenças sintáctico-semânticas entre *haver* e *fazer*

Não que respeita a diferenças entre *haver* e *fazer* (além da preferência pela marcação de valores de localização ou duração em construções com *que*, que acabei de referir), a mais notável diz respeito (discutivelmente) à estrutura argumental, ou *n*-aridade. Aparentemente, o predicado *fazer* tem mais uma posição argumental que o predicado *haver*, correspondente à expressão que indica o ponto a partir do qual é estabelecida a distância temporal relevante (isto é, o ponto de ancoragem temporal). Com *fazer*, esse ponto pode ser marcado por uma expressão adverbial, referencialmente dependente (dêictica ou anafórica), como em (18a–d), ou referencialmente autónoma, como em (18e–f):

- (18) a. Faz {*agora / hoje/ esta semana*} dois anos que o Paulo casou.
O Paulo casou faz {*agora / hoje/ esta semana*} dois anos.
- b. Fazia {*então / naquele dia /por aquela altura*} dois anos que o Paulo tinha casado.
O Paulo tinha casado fazia {*então / naquele dia /por aquela altura*} dois anos.
- c. Fez {*ontem / a semana passada / há pouco tempo*} dois anos que o Paulo casou.
O Paulo casou fez {*ontem / a semana passada / há pouco tempo*} dois anos.
- d. {*Fará / Vai fazer*} {*amanhã / em breve*} dois anos que o Paulo casou.
O Paulo casou {*fará / vai fazer*} {*amanhã / em breve*} dois anos.
- e. Fez {*no dia 15 de Abril de 2009 / em Abril de 2009*} dois anos que o Paulo casou.
O Paulo casou fez {*no dia 15 de Abril de 2009 / em Abril de 2009*} dois anos.
- f. {*Fará / Vai fazer*} {*no dia 15 de Abril de 2015/ em Abril de 2015*} dois anos que o Paulo casou.
O Paulo casou {*fará / vai fazer*} {*no dia 15 de Abril de 2015/ em Abril de 2015*} dois anos.

Naturalmente, este argumento que marca o ponto de ancoragem pode não estar expresso (i.e. pode ser nulo), desde que seja recuperável no contexto, como acontece em (19):

- (19) a. Hoje há festa na casa do Paulo. Faz dois anos que ele casou.
 b. Na próxima semana haverá festa na casa do Paulo. Vai fazer dois anos que ele casou.

Já o predicado *haver* não admite normalmente expressões argumentais comparáveis, ou seja, o ponto de ancoragem temporal está geralmente **implícito**, sendo dedutível, por exemplo, a partir do tempo verbal (ou seja, é por norma dêictico ou anafórico). Distingue-se, no entanto, uma situação particular, ilustrada em (20), em que o ponto de ancoragem é marcado explicitamente por expressões dêictico-anafóricas pontuais como *agora* ou *na altura* (acompanhadas do verbo num tempo de sobreposição, como presente – *há* – ou pretérito imperfeito – *havia*). Estas construções parecem não ser totalmente rejeitadas pelos falantes, embora não sejam porventura muito naturais e não tenha sido encontrada qualquer ocorrência delas no *corpus* consultado (CETEMPúblico):

- (20) a. (?) Há *agora* dois anos que o Paulo dá aulas.
 (?) O Paulo dá aulas há *agora* dois anos.
 b. (?) Conheci o Paulo em 2005. Havia *na altura* dois anos que ele dava aulas.
 (?) Conheci o Paulo em 2005. Ele dava aulas havia *na altura* dois anos.³

Em situações diferentes de (20), as estruturas são muito marginais ou totalmente agramaticais, como se pode verificar em (21) e (22):

- (21) ?? há {*hoje/ esta semana*} X-TEMPO,
 ?? havia *naquele dia* X-TEMPO
- (22) a. *{houve/ há} {*ontem/a semana passada*} X-TEMPO,
 *{haverá/ há} *amanhã* X-TEMPO
 b. *{haverá/ houve/ há} *no dia 15 de Abril* X-TEMPO

Em suma, com *haver*, o ponto de ancoragem temporal está geralmente implícito, não sendo veiculado por meios lexicais, ao contrário do que acontece com *fazer*. Além disso, esse ponto coincide geralmente com o ponto de perspectiva temporal da frase ou com o momento da enunciação, não podendo ser dissociado destes, como acontece com *fazer*. Uma consequência desta diferença é a possibilidade de flexionar o verbo *fazer* – ao contrário do que acontece com *haver* – em tempos

3 Note-se a total impossibilidade de neutralização *havia*→*há* nestes contextos: *Conheci o Paulo em 2005. { *Há na altura dois anos que ele dava aulas / *Ele dava aulas há na altura dois anos }.*

de anterioridade ou posterioridade – e.g. *fez ontem, fará amanhã/ no dia 20*, mas não *houve ontem*, ou *haverá amanhã/ no dia 20*.

Feitas estas considerações preliminares, passemos ao foco desta apresentação, que parte da seguinte observação: os dois predicados que temos estado a analisar – *haver* e *fazer* (além de *ter*, para o português brasileiro, que não considerarei aqui) – apresentam alguns sinais de gramaticalização (e perda de propriedades verbais), que são nitidamente mais fortes no caso de *haver*. Nas duas secções seguintes – 3 e 4 – considerarei a gramaticalização de cada um destes dois verbos isoladamente. Começemos por *haver*, na secção 3.

3. Gramaticalização do predicado temporal *haver*

Como mostrei num trabalho anterior (Móia 2011b), cujas conclusões apresentarei de forma resumida nesta secção, o predicado temporal *haver* apresenta, por um lado, um conjunto de propriedades tipicamente verbais e, por outro, um conjunto de propriedades não tipicamente verbais, que parecem indiciar um processo de gramaticalização em curso, como conector de tipo preposicional. Esta gramaticalização é especialmente evidente na construção sem *que* (a única estudada de forma sistemática em Móia 2011b), mas existe também, em medida inferior, como veremos aqui, na construção com *que*. Consideremos brevemente as propriedades relevantes, começando pelas propriedades (claramente) verbais de *haver*.

3.1. Propriedades verbais de *haver*

Propriedade A

O predicado temporal *haver* exhibe ainda sensibilidade à variação de ponto de perspectiva temporal da frase, isto é, pode variar na sua forma – *há*, *havia* ou (muito restritamente) *haverá* – consoante a frase tenha um ponto de perspectiva passado, presente ou futuro. Vejam-se os exemplos seguintes:

- PPT presente \Rightarrow *há*
 - (23) a. *Há* duas horas que está a chover.
 - b. Está a chover *há* duas horas.
- PPT passado \Rightarrow *havia*
 - (24) a. A Ana saiu de casa cedo. *Havia* duas horas que estava a chover.
 - b. A Ana saiu de casa cedo. Estava a chover *havia* duas horas.
- PPT futuro \Rightarrow *haverá* (só na construção com *que*)

- (25) a. (?) A Ana vai sair às 10. Nessa altura, *haverá* duas horas que {estará/está} a chover.
 b. ??/*A Ana vai sair às 10. Nessa altura, estará a chover *haverá* duas horas.

Em (24), por exemplo, dado que o ponto de perspectiva é passado, o verbo pode assumir a forma de pretérito imperfeito, *havia*. Note-se, porém, que a forma de futuro imperfeito (*haverá*) apenas parece possível – e, ainda assim, de forma algo marginal e sem exemplos no *corpus* CETEMPúblico – nas construção com *que*; com efeito, (25a) é porventura aceitável, mas (25b) parece francamente muito marginal ou mesmo totalmente agramatical.

Propriedade B

O predicado temporal *haver* permite a marcação de valores modais epistémicos através da flexão, igualmente com sensibilidade à variação de ponto de perspectiva temporal, como se pode verificar em (26) e (27):

- PPT presente \Rightarrow *haverá*

(26) a. *Haverá* uns dez minutos que o Pedro chegou.
 b. O Pedro chegou *haverá* uns dez minutos.
- PPT passado \Rightarrow *haveria*

(27) a. Quando o FMI interveio, *haveria* uns seis meses que o país estava em crise económica.
 b. Quando o FMI interveio, o país estava em crise económica *haveria* uns seis meses.

Trata-se de uma construção pouco frequente em *corpora* de texto jornalístico, onde prevalecem alternativas com marcação de valores modais epistémicos por outros meios gramaticais; por exemplo, uso do advérbio *talvez* ou do verbo modal *dever*, como em (28):

- (28) a. O Pedro chegou *há talvez* dez minutos.
 b. O Pedro deve ter chegado *há* (uns) dez minutos.

Porém, existem numerosas abonações em *corpora* de textos literários ou registos orais; vejam-se os excertos de (29), retirados de Mória (2011b):

- (29) «(...) e ao tempo que Diogo Lopes de Sequeira (...) veio ter a esta cidade, haveria nove anos que el-Rei de Sião tinha mandado ua grossa armada sobre ela (...).» (in João de Barros, *Décadas da Asia (Década Segunda, Livros I–X)*, séc. XV); «Este homem, (...) é um capitão, (...) o qual se meteu frade de S. Francisco haverá oito ou dez anos (...).» (in *Cartas*, Padre António Vieira, séc. XVII).

Propriedade C

O predicado temporal *haver* é compatível operadores adverbiais, do tipo de *já*, (*ainda*) *não* ou (*ainda*) *nem*:

- (30) a. {*Há já/ Já há*} dois anos que a Ana tirou a carta.
 b. A Ana tirou a carta {*há já/ já há*} dois anos.
- (31) a. *Ainda {não/ nem}* *há* dois anos que a Ana tirou a carta.
 b. A Ana tirou a carta *ainda {não/ nem}* *há* dois anos.

3.2. Propriedades não (tipicamente) verbais de *haver*

Em contraste com as três propriedades verbais que acabei de descrever, o predicado temporal *haver* exibe um conjunto de propriedades que o distinguem claramente da classe dos verbos e parecem indicar um processo de gramaticalização como conector de tipo preposicional (cf. conceito de gramaticalização de e.g. Eckardt 2008).

Propriedade D

Observa-se uma tendência fortíssima para anular a propriedade A acima, isto é, uma tendência para que *haver* assuma uma forma invariável – *há* –, independentemente do ponto de perspectiva (presente, passado ou futuro) da frase.

- PPT passado: neutralização de *havia* para *há*

(32) a. A Ana saiu de casa cedo. *Há* duas horas que *estava* a chover.
 b. A Ana saiu de casa cedo. *Estava* a chover *há* duas horas.
- PPT futuro: neutralização de *haverá* para *há*

(33) a. ?A Ana vai sair às 10. Nessa altura, de acordo com as previsões meteorológicas, *há* duas horas que *estará* a chover.
 b. A Ana vai sair às 10. Nessa altura, de acordo com as previsões meteorológicas, *estará* a chover *há* duas horas.

Os casos com pontos de perspectiva passados (ao contrário dos casos com pontos de perspectiva futuros) são muito frequentes em *corpora* jornalísticos e, portanto, permitem avaliar facilmente a frequência da neutralização. Neste tipo de registo, observa-se uma neutralização *havia*→*há* em cerca de 99% das estruturas sem *que*

(segundo dados de Mória 2011b). No caso das estruturas com *que*, que considero agora, a neutralização – ilustrada em (34) – também é superior a 95%⁴:

- (34) «Quando Prokofiev morreu (...), já **há treze anos que numa prisão estalinista tinha sido executado** Meyerhold.» (CETEMPúblico, ext686027-clt-91a-2); «Em pequeno sofreu de asma, mas **há muitos anos que não** tinha **qualquer** ataque (...)» (CETEMPúblico, ext220514-soc-94b-1)

Os casos com pontos de perspectiva futuros são menos frequentes e, por isso, mais difíceis de contabilizar. Porém, pelo menos no caso das construções sem *que*, a neutralização de *haverá* para *há* parece obrigatória, já que os falantes rejeitam estruturas do tipo de (33b) com *haverá*. Não foi, aliás, encontrado nenhum exemplo com *haverá* (temporal) nos *corpora* jornalísticos consultados.

Propriedade E

O paradigma verbal de *haver* é aparentemente incompleto, o que se verifica na inexistência de flexão verbal no conjuntivo, especialmente nas construções sem *que*. Observe-se, em (35b'), um exemplo com *talvez* e *haver* no indicativo (contra o que seria de esperar na presença daquele operador, que se combina normalmente com verbos no conjuntivo).

- (35) a. OK/?*Talvez* *haja* dez anos que o Pedro mora em Lisboa.
 a'. ??*Talvez* *há* dez anos que o Pedro mora em Lisboa.
 b. *O Pedro mora em Lisboa *talvez* *haja* dez anos.
 b'. O Pedro mora em Lisboa *talvez* *há* dez anos.

Note-se, de passagem, que o *corpus* CETEMPúblico só tem ocorrências da construção ilustrada em (35b') (isto é, com o indicativo *há* e sem *que*), não havendo exemplos de qualquer uma das outras construções ilustradas em (35):

- (36) «Mas desde que a família Guedes de Carvalho assumiu a sua posse, **talvez há** mais de 500 anos, (...)» (CETEMPúblico, ext310486-clt-93b-2); «No entanto, pensa-se que o animal surgiu há muito mais tempo, **talvez há** 100 milhões de anos.» (CETEMPúblico, ext1427245-clt-soc-93a-2).

Propriedade F

Existe a possibilidade, claramente indiciadora de gramaticalização, de as expressões introduzidas por *haver* ocorrerem (naturalmente, apenas na construção

4 Por exemplo, a pesquisa “há|Há” [] {1,1} “horas| dias| semanas| meses| anos” “que” [] {0,3} [tmcagr=“IMPF_IND”] gerou aproximadamente 330 ocorrências relevantes, contra 10 ocorrências comparáveis com “havia” (3%).

sem *que*) em posições tipicamente nominais, como complemento de verbos transitivos do tipo de *durar* ou como complemento de preposições. Consideremos primeiramente as estruturas com valor de designação de intervalos, afim do valor de localização referido em (9) (cf. Mória 2000), em que as expressões com *haver* podem ocorrer como complemento de preposições de diferentes tipos:

- complemento de preposições argumentais (e.g. de verbos como *datar* ou *remontar*)

- (37) a. O problema data de há dez anos.
b. O problema remonta (a) há dez anos.

- complemento de preposições introdutoras de adjuntos adverbiais (e.g. *até*, *desde*, *de*)

- (38) a. O Pedro viveu em Lisboa até há dez anos.
b. O Pedro vive em Lisboa desde há mais de dez anos⁵.
c. O Pedro tem tido uma vida muito calma de há dez anos para cá.

- complemento de preposições introdutoras de modificadores nominais (e.g. *de*)

- (39) a. os computadores de há dez anos
b. o jogo de há oito dias

Vejamos agora as estruturas com valor de duração, em que as expressões com *haver* se combinam com verbos do tipo de *durar*, os quais não aceitam complementos frásicos, mas apenas complementos de tipo nominal:

- (40) a. A guerra dura há dez anos⁶.
b. A ONU interveio em 1995. Nessa altura, a guerra durava {há/havia} dez anos.

Abro aqui um parêntesis para registar uma curiosa **diferença entre o português europeu e o português brasileiro**, que, tanto quanto sei, não foi ainda notada na literatura. Nestas construções com *durar* (sem *que*), o português brasileiro admite

5 Os adjuntos com *desde* podem ocorrer em posição inicial de frase com *que*: desde há mais de dez anos que o Pedro vive em Lisboa (cf. desde 1980 que o Pedro vive em Lisboa).

6 É curioso notar a possibilidade de as construções com *haver* e *que* coocorrerem com o verbo *durar* (caso em que, discutivelmente, a estrutura introduzida por *que* não se comporta como uma frase plena, com estrutura gramatical completa, um possível argumento contra a categorização de *que* como conjunção integrante): (i) há dez anos que a guerra dura; (ii) a ONU interveio em 1995; nessa altura, há/ havia dez anos que a guerra durava.

(e quase sempre efectua⁷) a omissão de *haver*, a qual é sentida como agramatical em português europeu. Ou seja, são naturais em PB (mas não em PE) as seguintes produções:

- (41) a. A guerra (já) dura dez anos. [PB]
 b. A ONU interveio em 1995. Nessa altura, a guerra (já) durava dez anos. [PB]

Vejam-se os seguintes exemplos do *corpus* brasileiro NILC-São Carlos:

- (42) a. «Temos uma amizade profunda, que já **dura 32 anos.**» (par=Ilustrada-94b-1)
 b. «(...) ela ganhou em setembro a medalha de ouro nos 200 m livres (...), quebrando um recorde mundial que já **durava oito anos.**» (par=Folhateen-94a-2)

Observe-se que o ponto de ancoragem (para a medição retrospectiva) coincide com o ponto de perspectiva da frase, tal como determinado pelo tempo verbal de *durar* (donde existe uma possível redundância do conector *há*, que provavelmente justifica a sua omissão).

Note-se ainda, marginalmente, que, como consequência desta omissão de *haver* em português brasileiro, se gera, especialmente na ausência do marcador *já*, uma **ambiguidade** entre um valor de duração retrospectiva ancorada (isto é, o tipo considerado até aqui, em que *durar* equivale a *durar há*) e um valor de duração prospectiva. Os dois valores em causa estão ilustrados de forma separada em (43) e (44), respectivamente, com excertos do *corpus* NILC-São Carlos.

- (43) a. «A guerra trouxe uma camaradagem que **dura 50 anos.**» (par=Mundo-94b-2)
 b. «(...) a morte de Smith pode abrir uma briga (...) entre os trabalhistas num momento em que o partido tem chances de acabar com o domínio conservador que **dura 15 anos.**» (par=Mundo-94b-2)

Nestas frases do PB, ***durar* X-TEMPO equivale a *durar há* X-TEMPO** em PE, isto é, existe nestes textos um valor de duração retrospectiva ancorada.

7 Das 86 ocorrências produzidas pela pesquisa “já” “dura|durava” no *corpus* NILC-São Carlos, 85 registam omissão de *haver*; no *corpus* CETEMPúblico, apenas 4 das c. de 140 ocorrências relevantes de «já» «dura|durava» registam a perda de *haver*, e são sentidas como claramente anómalas – e.g. «A indefinição jurídica do Bairro dos Moinhos, em Beja – que **já dura** seis anos e está na origem de uma série de problemas e ilegalidades, (...)», ext1563512-soc-95b-3. Por outro lado, a pesquisa “dura|durava” “há” no *corpus* NILC-São Carlos produziu apenas 2 resultados, contra 524 no *corpus* CETEMPúblico.

- (44) a. «O curso *dura cinco anos* e é ministrado em período integral.» (par=Especial-94a-2)
 b. «A patente de remédios em geral *dura 20 anos*.» (par=Dinheiro-94b-2)

Nestas frases do PB, *durar x-TEMPO* tem o mesmo valor que em PE, marcando duração prospectiva e/ ou valor genérico.

Observem-se agora as estruturas (45), potencialmente ambíguas em PB, na ausência de um contexto mais alargado. O título (45c) abaixo, por exemplo, pode referir-se (em PB) a uma espera específica que dura há quatro anos (cf. em PE: «Espera por telefone *dura há 4 anos*») ou pode constituir uma afirmação genérica sobre o facto de as esperas demorarem em média quatro anos.

- (45) a. A guerra *dura dez anos*.
 b. «Zumbido *dura 10 anos* e resiste a todas as medicações» (NILC-São Carlos)
 c. «Espera por telefone *dura 4 anos*» (NILC-São Carlos)

Propriedade G

Em certos contextos⁸, as expressões com *haver* são compatíveis com a partícula *atrás* (que leva, por vezes, à própria supressão de *haver*, especialmente em PB). Veja-se (46), sem supressão de *haver*, e (47), com essa supressão (que gera grande estranheza em PE, especialmente em posição nominal, como em(47b-c)):

- (46) a. O Pedro teve um acidente *há dez anos atrás*.
 b. O problema data de *há dez anos atrás*.
 c. os computadores de *há dez anos atrás*
- (47) a. O Pedro teve um acidente dez anos *atrás*. [PB/?PE]
 b. O problema data de dez anos *atrás*. [PB/?PE]
 c. os computadores de dez anos *atrás* [PB/?PE]

3.3. Coexistência de propriedades verbais e não verbais de *haver* em expressões temporais

Um aspecto especialmente interessante que se pode observar no uso contemporâneo das expressões temporais com *haver* é que as propriedades que reflectem um comportamento verbal e as que indiciam um comportamento não verbal parecem coexistir por vezes numa mesma construção. Por outras palavras, encontramos

8 Nomeadamente, em construções sem *que* (cf. **há dez anos atrás que o Pedro teve um acidente*) e com o valor de designação de intervalos / localização, dependente do momento da enunciação (cf., no entanto, possíveis usos não canónicos de *atrás* com valor não dêictico, referidos em Mória 2010: «**Havia alguns meses atrás** tinha notado que um certo sargento passava-lhe [*sic*] muitas vezes pela porta (...)», NILC-São Carlos, par=122282).

diferentes combinações das propriedades verbais com as propriedades não verbais, como mostrado em Mória (2011b). Este facto revela que o processo de gramaticalização não afecta simultaneamente todas as propriedades relevantes (o que é aliás expectável, na hipótese de se tratar de um genuíno processo de gramaticalização). As combinações possíveis estão ilustradas de forma esquemática em (48) a (57), com dados de Mória (2011b). Note-se que (vi) e (vii) documentam a situação curiosa em que as expressões com *haver* ocorrem em posições tipicamente nominais, mas preservam as marcas de flexão típicas dos predicados verbais (ou seja, estruturas sem a neutralização *havia* → *há*).

- (i) *já* adverbial + forma neutralizada *há* (em vez de *havia*)
- (48) A Ana saiu de casa cedo. Estava a chover *há já* duas horas.
- (ii) *já* adverbial + expressão com *haver* em posições tipicamente nominais
- (49) A guerra dura *há já* dez anos.
- (50) O Pedro vive em Lisboa desde *há já* mais de dez anos.
- (iii) *já* adverbial + expressões com *haver* e *atrás*⁹
- (51) (?) O Pedro teve um acidente *há já* dez anos atrás.
- (iv) *já* adverbial + forma neutralizada *há* (em vez de *havia*) e expressão com *haver* em posições tipicamente nominais
- (52) Quando a ONU decidiu intervir, a guerra durava *há já* dois anos.
- (v) *já* adverbial + expressões com *haver* e *atrás* em posições tipicamente nominais
- (53) (?) O Pedro vive em Lisboa desde *há já* mais de dez anos atrás.
- (vi) *havia* X-TEMPO em posições nominais
- (54) Quando o acordo foi assinado, a guerra durava *havia* dois meses.
- (55) O Pedro vivia em Lisboa desde *havia* mais de dez anos.
- (vii) *havia* X-TEMPO e *já* adverbial em posições nominais
- (56) Quando o acordo foi assinado, a guerra durava *havia já* dois meses.
- (57) O Pedro vivia em Lisboa desde *havia já* mais de dez anos.

9 As combinações de um operador *já* adverbial – indicador da manutenção de propriedades verbais – com a partícula *atrás* – indicadora da perda dessas propriedades –, exemplificadas em (51) e (53), são as que parecem estar mais na fronteira da aceitabilidade / gramaticalidade, sendo rejeitadas por muitos falantes.

4. Gramaticalização do predicado temporal *fazer*

Depois de verificarmos, na secção 3, que o verbo *haver* temporal apresenta fortes indícios de gramaticalização, em ambas as construções em que ocorre (embora eles sejam mais evidentes na construção sem *que*), observaremos, nesta secção, alguns comportamentos comparáveis – ainda que de muito menor extensão – no predicado temporal *fazer*.

4.1. Diferenças entre *fazer* e *haver* no que respeita a propriedades indiciadoras de gramaticalização

Começemos por notar que, com uma pequena excepção, o predicado temporal *fazer* não possui o tipo de propriedades não verbais – indiciadoras de um processo de gramaticalização – que *haver* exhibe e que foram descritas na secção 3.2. Consideremos cada uma das quatro propriedades relevantes individualmente.

Em relação à propriedade D, verifica-se que, em construções com pontos de perspectivas passados ou futuros, *fazer* não admite neutralização para a forma *faz* (ao contrário de *haver*, que admite ou induz a neutralização para *há*, em condições equivalentes). Esta impossibilidade é confirmada por dados de *corpora* (nomeadamente CETEMPúblico e NILC-São Carlos), onde não foram encontrados registos de construções com a neutralização em causa¹⁰.

- (58) Em Abril passado, o Paulo fez uma grande festa.
 a. {*Fazia*/ **Faz*} trinta anos que tinha casado.
 b. Tinha casado {*fazia* / ??*faz*} trinta anos.
- (59) «**Fazia tempo que as autoridades espanholas andavam** no seu encalço (...)». (CETEMPúblico, ext1470910-soc-92b-4); «O desesperado já **estava no poço fazia dois meses** (...)». (CETEMPúblico, ext1421177-clt-98b-2)

10 Existe uma construção com propriedades particulares (que não deve ser confundida com aquela que aqui está a ser analisada), em que a medição temporal é feita a partir do momento da enunciação (pelo que se justifica o uso do presente *faz*), mas o verbo da oração principal ocorre no pretérito imperfeito, tempo normalmente associado a pontos de perspectiva passados: *Faz mais de dois anos que não te via.* (cf. *Há mais de dois anos que não te via.*) Exemplo: «Tenho 40 anos e sou o chefe da UTI (...). **Faz muito tempo que não via** uma fragmentação craniana tão impressionante.» (NILC-São Carlos, Esporte--94b-2).

Em relação à propriedade E, parecem aceitáveis – ou pelo menos, não completamente agramaticais – construções com o verbo no conjuntivo, embora elas não estejam atestadas nos *corpora* consultados (CETEMPúblico, NILC-São Carlos)¹¹.

- (60) a. Talvez *fizesse* mais de trinta anos que a cidade tinha sido libertada.
 b. A cidade tinha sido libertada talvez *fizesse* mais de trinta anos.

Em relação à propriedade F, observa-se que, crucialmente, as expressões temporais com *fazer* não ocorrem (a não ser em situações muito restritas) em posição nominal.

- (61) a. *O problema {data de / remonta a} *faz* dez anos.
 b. *O Pedro viveu em Lisboa até *faz* dez anos.
 c. *O Pedro vive em Lisboa desde *faz* mais de dez anos.
 d. *os computadores de *faz* dez anos
- (62) a. *A guerra dura *faz* dez anos.
 b. *A ONU interveio em 1995. Nessa altura, a guerra durava *fazia* dez anos.

A inexistência de estruturas deste tipo nos *corpora* CETEMPúblico e NILC-São Carlos está em linha com as intuições dos falantes sobre o seu estatuto de gramaticalidade. Porém, o excerto (63) abaixo (registado em Mória 2011b) – ocorrência única nestes dois *corpora* – é extremamente curioso, na medida em que indicia porventura um movimento no sentido da gramaticalização também das expressões com *fazer*. Note-se que esta construção (com um nome eventivo e um argumento lexical denotador do ponto de ancoragem temporal) é sentida como natural pelos falantes.

- (63) «(...) não nos escusámos a ouvir (...) os comentários elaborados após *a corrida de faz hoje oito dias*, em que toiros sérios de Carmen Borrero (...) foram estoqueados (...) por Pedrito de Portugal.» (CETEMPúblico, ext890811-soc-94b-1)

Note-se ainda o seguinte contraste (que evidencia a relevância da presença do argumento lexical denotador do ponto de ancoragem temporal):

- (64) a. O ataque terrorista de faz {amanhã/ hoje} um ano mudou radicalmente o mundo.
 b. ??O ataque terrorista de faz um ano mudou radicalmente o mundo.

Finalmente, em relação à propriedade G, há a notar que as expressões temporais com *fazer* não coocorrem com a partícula *atrás*, não havendo exemplos desta combinação no CETEMPúblico nem no NILC-São Carlos.

11 0 ocorrências na pesquisa “talvez” “faça| fizesse”, nesses *corpora*.

- (65) a. *O Pedro teve um acidente *faz* dez anos atrás.
 b. *a corrida de *faz* hoje oito dias atrás

4.2. Gramaticalização de *fazer* nas construções sem *que* (evidências sintáctico-semânticas)

Nesta última secção, considerarei com mais pormenor a construção com *fazer* sem *que*. Como veremos, as suas propriedades distribucionais particulares – semelhantes, aliás, às de *haver* nas construções sem *que* – podem ser tomadas como um sinal de gramaticalização.

Comecemos por notar que, se considerarmos apenas ocorrências do tipo de (66) abaixo, podemos colocar a hipótese de *fazer* ser um predicado verbal ternário – [FAZER (X, Y, Z)] –, onde X representa uma situação (no caso, expressa pela frase *o Paulo casou*), Y um intervalo de tempo e Z uma quantidade de tempo.

- (66) a. Faz hoje dois anos que o Paulo casou.
 b. O Paulo casou faz hoje dois anos.

A hipótese de estarmos perante o mesmo predicado em frases como (66a) e (66b) é sugerida pela equivalência semântica entre essas duas frases, que nos permite considerar que a estrutura predicativa subjacente é idêntica, como esquematizado a seguir:

- (67) análise a ponderar: [FAZER (X_{FRASE}, Y, Z)]
 a. faz [hoje]_Y [dois anos]_Z [que o Paulo casou]_X
 b. [o Paulo casou]_X faz [hoje]_Y [dois anos]_Z

Com efeito, se observarmos a construção com *que*, (66a), a expressão X parece comportar-se, pelo menos à primeira vista, como um verdadeiro argumento¹². Aliás, este tipo de análise tem sido defendido por diferentes gramáticos (ainda que com atribuição de funções sintácticas distintas à oração introduzida por *que*). Por exemplo, Sá Nogueira (1995: 217) considera que essa oração tem a função de sujeito (deslocado para posição final) – cf. (68) – e Mendes de Almeida (1999: 414–415, 455) classifica as estruturas em causa como construções impessoais de

12 Note-se, no entanto, a estranheza da pronominalização com *isso*, que afasta estas estruturas das que possuem completivas sujeito típicas:

- (i) Faz hoje dois anos *que o Paulo casou*. ⇒ ??*Isso* faz hoje dois anos.
 (ii) Surpreendeu toda a gente *que o Paulo tivesse casado*. ⇒ *Isso* surpreendeu toda a gente.

sujeito expletivo (ou, nos seu termos, construções sem sujeito¹³), sem referir o estatuto gramatical da sequência introduzida por *que* – cf. (69).

- (68) «[Em *em 1940 faz três séculos que nos libertámos do jugo castelhano*] é a oração integrante (ou substantiva) “que nos libertámos...” que é o sujeito do verbo *fazer* (...).» (Sá Nogueira 1995: 217)
- (69) «**Fazer**, em construções como: “*Faz anos que estou aqui*” – é impessoal, isto é, não tem sujeito (...).» (Mendes de Almeida 1999: 455)

Independentemente de estas análises (argumentais) se justificarem para a construção com *que* (hipótese sobre a qual não tomarei partido neste momento, mas que poderá não ser totalmente viável – cf. e.g. nota 12), parece que ela dificilmente se aplica à construção sem *que*, a qual possui de facto propriedades sintácticas muito particulares. Com efeito, os sintagmas com *fazer* apresentam, nestas construções, um comportamento distribucional e semântico de sintagma preposicional (ou adjunto) de valor temporal (cf. observações para as contrapartidas em espanhol, com *hacer*, em Fernández 1999), incompatível com a análise (facto particularmente evidente nas estruturas de (75) e (76), abaixo).

Observemos então as especificidades distribucionais da construção sem *que*, que permitem concluir que o verbo *fazer* – pelo menos nestas construções – tem um comportamento não tipicamente verbal, isto é, apresenta sintomas de gramaticalização como conector de tipo preposicional que o aproximam de *haver*, tendo o sintagma *fazer* Y X-TEMPO a seguinte análise semântica:

- para o valor (mais comum) de denotação de intervalos/ localização¹⁴, exemplificado em (9b) e (63) [cf. condições em Mória (2011b: 405) para as expressões comparáveis com *haver*]

- (70) [*fazer* Y X-TEMPO (t)], condição redutível a:
 [Y (t'')], [X-TEMPO (mt)],
 [t ≈ beg (t')], [end (t') ⊆ t''], [dur (t') = mt]

13 São referidos, por vezes, desvios gramaticais que consistem na flexão plural do verbo *fazer*, em concordância com o argumento z (identificador de uma quantidade de tempo), e.g. Mendes de Almeida (1999: 286), «“*Vai fazer cinco anos que ele morreu*” e não: “*Vão fazer...*” – pois o verbo *fazer* é, nesse sentido, impessoal (“*Faz cinco anos...*”).».

14 O valor de localização envolve o processamento de uma preposição nula (e.g. *o Paulo casou \emptyset_{em} faz agora dois anos*), de forma paralela à que é proposta em Mória (2000) para construções semelhantes com *haver*.

- para o valor (menos comum) de duração ancorada, exemplificado em (10b) [cf. condições em Mória (2011b: 404) para as expressões comparáveis com *haver*]

- (71) Π *fazer* Y X-TEMPO:
 [Y (t'')], [X-TEMPO (mt)], [ev: Π], [ev \circ t'']¹⁵,
 [ev' \subseteq ev], [beg (ev') = beg (ev)], [end (ev') \subseteq t''], [dur (ev') = mt]

- (i) ausência de elemento subordinador

Em primeiro lugar, note-se que, na construção *FAZER X-TEMPO* (sem *que*), a estrutura oracional a que o sintagma com *fazer* se aplica, ainda que finita, não apresenta qualquer elemento subordinador (pelo que não assume a forma sintáctica típica das orações subordinadas argumentais).

- (ii) distribuição semelhante a adjunto temporal
 (posição inicial ou final e possibilidade de intercalação)

Em segundo lugar, observe-se que o sintagma *FAZER X-TEMPO* (sem *que*) pode ocorrer em diferentes posições sintácticas, típicas de sintagmas preposicionais e não de sintagmas verbais, apresentando maior variação distribucional que *FAZER X-TEMPO* (com *que*). Em particular, pode assumir quer a posição inicial, quer a posição final, quer posições intermédias (intercaladas dentro do suposto argumento frásico, e.g. na posição pós-sujeito ou pré-complementos); trata-se de uma distribuição típica dos adjuntos adverbiais de tempo (e contrasta com *fazer X-TEMPO que*, que assume sempre uma posição inicial).

- (72) a. «**Faz hoje** uma semana, o mesmo filme passou na NBC, também em horário nobre.» (CETEMPúblico, ext508802-pol-92a-1)
 [POSIÇÃO INICIAL]
- b. «Lutero morreu **faz hoje** 450 anos.» (CETEMPúblico, ext290642-soc-96a-3)
 [POSIÇÃO FINAL]
- c. «Isto apesar dos sinais que o Executivo quis deixar passar (...) quando Valente de Oliveira, **faz hoje** uma semana, anunciou que o Plano (...) atingirá o mínimo de 645 milhões de contos.» (CETEMPúblico, ext309438-eco-93b-2)
 [POSIÇÃO INTERMÉDIA, PRÉ-VERBAL PÓS-SUJEITO]
- d. «O Real Colyseu de Lisboa acolheu, **faz hoje** cem anos, a primeira projecção de cinema no nosso país.» (CETEMPúblico, ext458675-clt-96a-4)
 [POSIÇÃO INTERMÉDIA, PÓS-VERBAL PRÉ-COMPLEMENTO]

15 Ainda, tipicamente, [TPpt \subseteq t'']. O ponto de perspectiva é definido deicticamente – TPpt presente – ou anaforicamente – TPpt passado ou TPpt futuro –, consoante o tempo verbal de *fazer*: *faz*, *fazia* e *fará*, respectivamente.

- (iii) compatibilidade com argumentos não oracionais plenos e – de forma particularmente sintomática – com expressões temporais (cf. (c) abaixo)

Em terceiro lugar, o sintagma *FAZERX-TEMPO* (sem *que*) aplica-se a uma gama muito mais vasta de expressões que as contrapartidas com *que*, nomeadamente:

- (a) estruturas proposicionais sem a forma de uma oração plena

(e.g. estruturas participiais, em posição atributiva ou apositiva):

- (73) «(...) parece ser (...) essa a lição de uma revolta ocorrida nesta nossa terra **faz hoje precisamente vinte anos**.» (CETEMPúblico, ext265066-eco-94a-1); «Assim se definiu (...) Amílcar Cabral, assassinado **faz hoje 25 anos** em Conacri (...).» (CETEMPúblico, ext263801-nd-98a-1); «Morto **faz hoje 25 anos**, Salazar conseguiu ficar agarrado a um certo modo de vida português (...).» (CETEMPúblico, ext275155-pol-95b-2)

- (b) estruturas nominais (não proposicionais), com denotação situacional:

- (74) «(...) o porto perdeu (...) a sua animação, após o encerramento dos estaleiros navais **faz agora oito anos**.» (CETEMPúblico, ext ext468567-soc-93b-4); «Trata-se da primeira reacção oficial da Igreja após a prisão, **faz hoje uma semana**, do padre, de 35 anos (...).» (CETEMPúblico, ext420300-soc-98b-1); [com análise estrutural discutível] «O administrador apostólico (...) escreveu ao comandante (...), manifestando a sua profunda inquietação com os incidentes de 28 de Junho último, **faz hoje um mês**, na igreja de São José do Remexio (...).» (CETEMPúblico, ext234376-pol-94b-1)

- (c) expressões temporais (expressões denotadoras de intervalos (SNs) ou discutiavelmente – localizadores temporais (SPs ou SAdvS))

- (75) «De 29 de Outubro de 1936, **faz hoje 60 anos**, a 19 de Fevereiro de 1942 recebeu 330 detidos, todos jovens.» (CETEMPúblico, ext276498-soc-96b-2)
- (76) «Na madrugada de 2 de Novembro de 1975 – **faz hoje 20 anos** –, (...) Pasolini é encontrado morto (...).» (CETEMPúblico, ext224852-clt-95b-3); «Em 11 de Setembro de 1992, **faz agora pouco mais de um ano**, foi (...) proibida a construção de centrais de incineração (...).» (CETEMPúblico, ext487571-nd-93b-2); «Sexta-feira passada, **faz hoje uma semana**, o PS havia anunciado a sua intenção (...).» (CETEMPúblico, ext377780-pol-93b-1); «Foi então, **faz agora vinte e seis anos**, que formei o primeiro esboço (...) de um romance (...).» (José de Alencar, in *Corpus do Português*, Davies-Ferreira); «Maria da Fonte (...) chefiou os alvoroços (...) que eclodiram pela primeira vez a 19 de Março de 1847, **faz hoje precisamente 150 anos**.» (CETEMPúblico, ext385189-soc-96a-2); «Há 20 anos, **faz hoje**, um velho Carocha circula devagar pelos arredores de Conakry.» (CETEMPúblico, ext281924-pol-93a-3)

Nos casos (a) e (b) é teoricamente defensável, do ponto de vista semântico, uma análise em que a expressão participial ou nominal denotadora da situação (x) é argumento do verbo *fazer* – cf. paráfrases para (73): “revolta que faz hoje precisamente vinte anos que ocorreu”; “Amílcar Cabral, que faz hoje 25 anos que foi assassinado em Conacri”; “Salazar, que faz hoje 25 anos que foi morto”; e (74), com adição de um predicado verbal: “o encerramento dos estaleiros navais, que **faz agora** oito anos que ocorreu”; “a prisão, que **faz hoje** uma semana que ocorreu”; “os incidentes de 28 de Junho último, que **faz hoje** um mês que ocorreram”. Tal análise, porém, não tem correspondência na sintaxe da construção; note-se, em particular, nas estruturas do tipo de (74), a ausência de concordância entre a expressão nominal denotadora da situação e o verbo *fazer*: *os incidentes de 28 de Junho último, { *fazem/ ^{OK}faz } hoje um mês.

Já o caso (c) é mais interessante, na medida em que a expressão temporal a que *fazer* X-TEMPOSE aplica não pode claramente funcionar como argumento (externo) de *fazer* – cf. a impossibilidade de *fazer* seleccionar argumentos externos temporais: *o dia 16 de Setembro de 1911 faz hoje cem anos (vs. 29 de Outubro de 1936, **faz hoje** 60 anos; na madrugada de 2 de Novembro de 1975, **faz hoje** 20 anos; então, faz agora vinte e seis anos). Nesta interessante construção, tanto quanto sei, não descrita autonomamente na literatura¹⁶ e em que só pode ocorrer a estrutura sem *que*, existe claramente um processo de gramaticalização do verbo temporal *fazer*. Este encabeça uma expressão com um comportamento típico de sintagma preposicional (localizador temporal) ou nominal (denotador de um intervalo) – cujas condições formais estão explicitadas em (70) –, à semelhança do que acontece com os sintagmas com *haver*.

5. Conclusão

Brevemente, e em conclusão geral: os predicados temporais *haver* e *fazer* apresentam sintomas característicos de gramaticalização como conectores de tipo preposicional, encabeçando adjuntos adverbiais de tempo comparáveis semanticamente a outros SPs (como os introduzidos por *antes* ou *entre*, para o valor de denotação de intervalos/ localização, e *durante*, para o valor de duração). Este processo afecta de modo diferente os dois predicados, estando *haver* claramente num estágio mais avançado de mudança. A preservação de propriedades verbais e a coexistência de propriedades verbais e não verbais em determinadas construções

16 Francisco Fernandes (1990: 345) dá a seguinte abonação de Camilo Castelo Branco (*apud* M. Barreto, *De Gramática*), para ilustrar o verbo impessoal *fazer*: “Uma noite, faz agora onze anos, estava eu passeando...”

são sintomas característicos de um processo de gramaticalização em curso, ainda não totalmente concluído.

Bibliografia

- Bechara, Evanildo (1999): *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição, revista e ampliada (12.ª reimpressão, 2002). Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Eckardt, Regine (2008): *Meaning Change in Grammaticalization. An Enquiry into Semantic Reanalysis*. Oxford: Oxford University Press.
- Fernandes, Francisco (1990): *Dicionário de Verbos e Regimes*. 37ª edição. São Paulo: Editora Globo.
- Fernández, LuisGarcía (1999): “Los Complementos Adverbiales Temporales. La Subordinación Temporal”. In: Bosque, Ignacio/ Demonte, Violeta (eds.): *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 3129–3208.
- Kamp, Hans e UweReyle (1993): *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Mendes de Almeida, Napoleão (1999): *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 44.ª edição (4.ª tiragem, 2002). São Paulo: Editora Saraiva.
- Mória, Telmo (1999): “Semântica das Expressões Temporais com *Haver*”. In: Associação Portuguesa de Linguística(eds.): *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 28–30 de Setembro de 1998)*. Vol. II. Braga: APL. 219–238.
- Mória, Telmo (2000): *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Mória, Telmo (2006): “Portuguese Expressions of Durationand their English Counterparts”. *Journal of Portuguese Linguistics*. Volume 5, número 1. 37–73.
- Mória, Telmo (2010): “Expressões de Medição Temporal: Norma, Variação e Desvio”. In: Associação Portuguesa de Linguística (eds.): *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados (Lisboa, 22, 23 e 24 de Outubro de 2009)*. Porto: APL. 623–641.
- Mória, Telmo (2011a): “Sobre a Expressão Lexical da Duração e da Localização Temporal em Português”. In: Arden, Mathias/ Märzhäuser, Christina/ Meisnitzer, Benjamin (eds.): *Linguística do Português: Rumos e Pontes*. München: Martin Meidenbauer Verlag. 251–269.
- Mória, Telmo (2011b): “Expressões Temporais com *Haver*: Gramaticalização e Interpretação Semântica”. In: Associação Portuguesa de Linguística (eds.): *XXVI*

Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados 2010. Porto 2010. Lisboa: APL. 401–419.

Móia, Telmo e Ana Teresa Alves (2004): “Differences between European and Brazilian Portuguese in the Use of Temporal Adverbials”. *Journal of Portuguese Linguistics*. Volume 3, número1. 37–67.

Sá Nogueira, Rodrigo de (1995): *Dicionário de Erros e Problemas da Linguagem*. 4.^a edição, revista e actualizada. Lisboa: Clássica Editora.